

REVISTA

anave

ÓRGÃO OFICIAL DE DIVULGAÇÃO DA
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS HOMENS DE VENDA
EM CELULOSE, PAPEL E DERIVADOS

ANAVE

nº 09

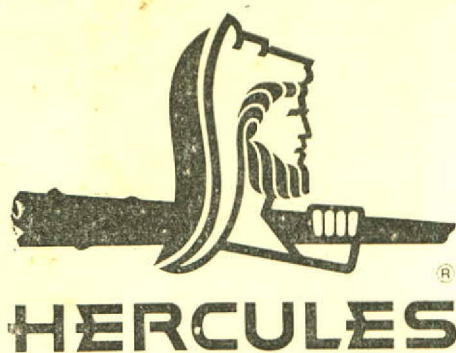
a crise da economia mundial e seus
reflexos no brasil

papel mais caro, papel mais escasso? porque?

reflexos da crise de papel na imprensa
do reino unido

novos conselheiros da anave

relação dos fabricantes de papel e celulose
no brasil



FOMOS OS RESPONSÁVEIS PELA DESCOBERTA DA COLA FORTIFICADA, DOS AGENTES DE CREPE (DESLISAMENTO E ADESÃO) E DOS AGENTES DE RETENÇÃO.

AGORA ESTAMOS TAMBÉM NO BRASIL

HERCULES DO BRASIL

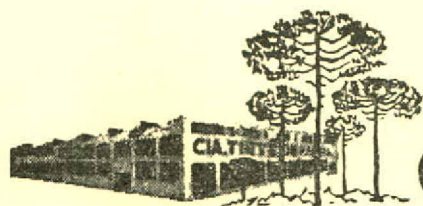
Produtos Químicos Ltda.

Av. Brig. Faria Lima, 1.476 - 9.º and. - Tels.: 211-2442 - 211-6644 - 211-0404 - 211-6594 - 211-9498

G R E T I S A

QUALIDADE EM PAPÉIS

ENVELOPES E ENVELOPES-SACOS PARA TODOS OS FINS
ALMAÇOS E OUTROS ARTEFATOS DE PAPEL



CIA. Tietê DE PAPÉIS

PAPÉIS, CARTÕES E CARTOLINAS POR ATACADO

MATRIZ: Av. Automóvel Clube, 909 — Inhaúma —
C.P. 2716 — Mesa Telefonica: 281-7222
— Vendas: 281-6629 e 281-1369 — Rio de
Janeiro — Est. da Guanabara.

FILIAL: Rua Luiz Gama, 803 — Cambuci — S. Paulo
— Telefones: 278-5386, 278-8166, 278-8615
e 278-9483 — S. Paulo — Est. de São Paulo.

EDITORES:

**EDITORA
ORIENTADOR LTDA.**

R. Cons. Crispiniano, 404
9.º andar - salas 910/911
telefones: 36-1323 e 32-7069
Cx. Postal: 1430 - São Paulo

CGC: 61.096.145/001
Inscr. Est.: 103.894.731

Diretor Responsável
WANDA DEL PICCHIA

Diretor Proprietário e Comercial
PAULO JORGE ENGELBERG

Secretaria e Colaboração
SUZANA EDEN ENGELBERG
WANDA DEL PICCHIA
PAULO JORGE ENGELBERG

Compilação e Redação:

ANAVE — Associação Nacional dos
Homens de Venda em Celulose, Pa-
pel e Derivados

*

Os conceitos emitidos nos artigos
assinados são de inteira respon-
sabilidade dos signatários

*

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

leia...

- 1** Editorial pág. 2

- 2** A crise da economia mundial e seus reflexos no Brasil " 3

- 3** Papel mais caro; papel mais escasso? Por que? " 5

- 4** Reflexos da crise de papel na imprensa do Reino Unido " 7

- 5** Noticiário " 9

- 6** Notícias da ANAVE " 17

- 7** Relação dos Fabricantes de papel e celulose no Brasil " 19

**ESTE NÚMERO CONTÉM 24
PÁGINAS**

ANO

II

MES

AGOSTO

1974

*

Proibida sua reprodução total ou parcial sem prévia autorização

*

DISTRIBUIÇÃO

Todos os sócios da ANAVE - Todos atacadistas de papel - Todos fabricantes de papel - Todos sócios da ABRE (Associação Brasileira de Embalagem) - Todas as gráficas e editoras de porte médio e grande — (oitocentos exemplares)

TIRAGEM TOTAL:
2.000 exemplares

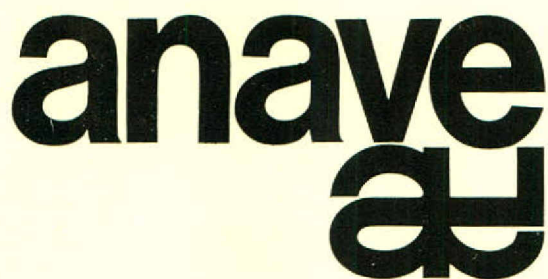
*

Assumimos responsabilidade moral e jurídica sobre a circulação

ÓRGÃO OFICIAL DE DIVULGAÇÃO DA

ANAVE - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS HOMENS DE VENDA EM CELULOSE, PAPEL E DERIVADOS

REVISTA ANAVE



associação nacional dos homens
de venda em celulose, papel
e derivados

Rua Espírito Santo, 28 — 01526 — Telefone: 278-0139 — São Paulo — Brasil

EXPEDIENTE: das 14 às 20 horas

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:

Ciro Torcineli Toledo

1.º Vice-Presidente:

Loé Cabral Velho Feijó

2.º Vice-Presidente:

Jahir de Castro

1.º Secretário:

Carlos Cortez Junior

2.º Secretário:

Saturnino Pereira de Oliveira

1.º Tesoureiro:

Adhemur Pilar Filho

2.º Tesoureiro:

Ocyr Bastos de Abreu

Diretor de Relações Públicas:

Mário Silvestri

Diretor Cultural e Técnico

Abel Pinto Ribeiro Filho

Diretor de Divulgação:

Antonio Carlos Clemente da Silva

Diretor Social:

José Tayar

Diretor Patrimônio:

Pedro Massuia

CONSELHO DIRETOR

Presidente:

Ovídio Pimentel Lima

Conselheiros:

Adhemur Pilar

Atilio Simionatto

Gildo Meneghini

Oswaldo Ferrari

Pascoal Spera

Armando Mellagi

Silvio Gonçalves

Aziz Salomão

Werner Klaus Bross

Antonio Roberto Lemos de Almeida

Lino Fernandes Simões

Walter Rizzi

José Campos Filho

Aristárdio Jarbas Fontes

Suplentes:

João Braitt

Albert Edward Warwick Jr.

Rodolfo Raíça

Alpheu Paim Júnior

José Geraldo Figueiredo

CONSELHO FISCAL

Amos Spina

Antonio Carlos Barros Lima

Horácio Freitas Andrade

DELEGACIA REGIONAL DO RS

Lygia D.D. Petersen

Armando Schneider

EDITORIAL

Com o seu 5.º aniversário, a ANAVE alcança o amadurecimento almejado.

Hoje é uma realidade e nela já estão depositadas sérias responsabilidades perante os setores.

As eleições de maio, para renovação de 1/3 do Conselho, bem como a eleição da nova Diretoria, provou pelo calor dos votantes, o que somos.

A positivação e as futuras realizações, com uma Diretoria Executiva e Conselho parcialmente renovado e com as realizações a programar poderão trazer ainda mais calor para a Associação.

Seminários, Cursos e outras modalidades associativas vão provocar remanejamento no meio dos homens de vendas.

Contamos com elementos, que formam o esteio do meio e naturalmente cabeças, que pensam em elevar ainda mais o conceito.

Queremos também apresentar nossas desculpas aos associados e leitores pela supressão do número de junho, exatamente motivada pelas eleições e mudanças da diretoria, que causaram atraso no nosso trabalho editorial.

Assim fomos obrigados a privar você da leitura costumeira bimestral da sua revista, mas só por um curto espaço de tempo. Eis aí o número de agosto que você certamente gostará e nos perdoará pela falha.

a crise da economia mundial e seus reflexos no brasil

JIELMIR BETTING

O Sindicato e a Associação Paulista dos Fabricantes de Papel, promoveram, recentemente, no Clube Atlético Paulistano, almoço de confraternização das diretorias e empresários da categoria econômica. Durante o encontro, a convite de ambas entidades, o jornalista de economia Jielmir Betting, realizou uma palestra versando o tema "A Crise Internacional e seus Reflexos no Brasil".

Em resumo, o Sr. Betting demonstrou a instabilidade da economia mundial de hoje, sem um rumo definido, erradia e nômade. "Para caracterizá-la — comentou — o otimista diz que "haveremos de almoçar na lata de lixo", ao passo que o pessimista afirma que "não haverá lixo suficiente para todos". Entretanto, difícil será prever um destino claro, próximo ou remoto. Isso cabe aos futurólogos saber, com suas bolas de cristal, a exemplo de Hermann Kahn... — Embora sem vocação para futurólogo — disse — ao jornalista de economia, de coisa nenhuma, é sempre conveniente fazer algumas futurologias.

Os videntes do Apocalipse nunca foram tão requisitados como agora, com a esteira da inflação de Moscou a Washington, via Pirituba. Em nosso caso, a assertiva de janeiro do ano passado posicionava o índice de inflação em 12%, mas na realidade, ao cabo do exercício, verificou-se ter o mesmo superado os 15%. Pelo que vi, ouvi e senti, aqui dentro e lá fora, 1974 assumirá o papel de bicho-papão na condição de herdeiro, relativamente à inflação no plano da economia mundial, e notadamente Ocidente".

Ressaltou que "a economia mundial se identifica presentemente pela escassez geral, de

praticamente tudo. Escassez de recursos, escassez de matérias-primas e mesmo escassez de bom senso. Vivemos dias muitos piores comparativamente àqueles que sucederam e antecederam as duas grandes guerras mundiais. Rejeito o prognóstico de otimismo, evitando a clássica frase "tudo vai bem", pois um fio de gilete separa o equilíbrio e a derrocada. O Consumo mundial cresce em função da explosão demográfica, como um dos fatores que geram a escassez geral, ensejando "boicotes", políticas de conveniência e de represálias, como é o caso evidente e sempre agravado do petróleo, manipulando ao bel-prazer de seus donos, arvorando-se numa arma moderna contra os interesses da economia dos países consumidores, pela elevação de preço e redução de cotas. De outro lado, o crescimento da espiral inflacionária nos países ricos, agrava a penúria das nações pobres, limitando-se recursos de um modo global".

Mencionou ser de caráter universal a crise de papel e de suas matérias primas, se bem que amplos investimentos se fizeram e se fazem (no Brasil, por exemplo) para aumentar a capacidade de produção. "Há uma crise interna porque o preço médio de 1 quilo de papel no mercado tupiniquim, no momento, gira em torno de 3 cruzeiros, ao passo que o de exportação situa-se em 7 cruzeiros.

"A imprensa exterior mostra-se bastante pessimista quanto ao futuro da economia européia, considerando-se em processo de falência. Hoje, a situação se inverteu nos países da área: há riquezas de recursos humanos e tecnológicos e pobreza de recursos monetários.

Consequentemente, há pontos cruciais a ferir a economia do velho mundo, como: a escas-

sez de petróleo, cujas reservas tendem a desaparecer rapidamente; desordem monetária, com a agravante de que a sua reforma foi procrastinada para a década de 1980: desarranjos sociais em escala cada vez maior. Por conseguinte, instala-se a busca de novas formas de conveniência entre os homens, assim como novas fontes de energia para substituir o petróleo, que fatalmente acabará num prazo inexorável. Isso é o que se escreve e o que se pensa sobre a crise econômica mundial.

Outra preocupação imperativa volta-se para uma maior produção e de comércio de insumos básicos, admitida uma mais ampla ingerência do poder público na ordem econômica capitalista, para que a lei da oferta e da procura tenha seu curso e efeitos normais, substituindo a atual "lei do enfarte e da loucura". Há que aceitar-se a intervenção estatal no controle de preços, a penetrar na ortodoxia da chamada economia de mercado".

"O Brasil, com isso tudo, pode ganhar vantagens no concerto da economia mundial dadas as suas elevadas potencialidades. Na realidade, não somos um País subdesenvolvido, mas sim desigualmente desenvolvido, levadas em conta as suas imensas e diferentes regiões territoriais. Estamos exportando volumes cada vez maiores, em decorrência da própria crise mundial. Assim, o mercado interno vem sofrendo restrições".

Um dos fatores positivos do Brasil é ampliar suas florestas, dentro de um planejamento técnico e econômico. Enquanto o petróleo é produto finito, as árvores são replantadas e vicejam a cada determinado período, para aproveitamento econômico. Temos condições, mais do que nunca, para queimar etapas rumo ao desenvolvimento mais acelerado ainda".

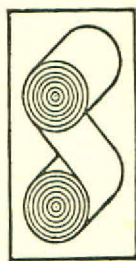
Exemplificou que novas fontes de matérias-primas devem ser procuradas, assim como de energia, afirmando que a petroquímica apresenta uma linha de 40.000 produtos distintos, "vestindo-nos da cabeça aos pés. Portanto, com o fim do petróleo, a reação em cadeia do desaparecimento da indústria petroquímica será espantosa".

Em outro trecho de sua palestra, o Sr. Joelmir Betting comentou que "a correção monetária como medida para reduzir o impacto inflacionário sobre o valor da moeda, aplicada pioneiramente pelo Brasil, vem sendo estudada nos Estados Unidos da América, sendo certo que os resultados da experiência brasileira servirão de modelo para adoção do sistema naquele país. A França também pretendia adotar o sistema ao cabo dos necessários estudos, quando Pompidou veio a falecer. Seguramente, será adotado pelo seu sucessor, como uma barra estabilizadora contra a inflação".

Acentuou que "em comparação com o que há lá fora em matéria de economia, o Brasil vai muito bem, obrigado", vivendo momentos decisivos para a irreversibilidade de seu total desenvolvimento, econômico e social, tendo como um dos suportes a poupança. Atualmente, de cada 100 cruzeiros, poupamos 22 e investimos 25, com tendência para melhorar essas marcas".

Teceu outras considerações sobre a economia mundial, cujo comportamento enseja reflexos benéficos para o Brasil, apesar de a inflação constituir agora um problema de todo o mundo.

Após os debates, o sr. Horácio Cherkassky agradeceu o comparecimento do jornalista Joelmir Betting, "mais uma vez para ministrar uma preciosa aula aos empresários da categoria econômica".



Industrial Papeleira Sta. Mônica S/A

CARTOLINA DUPLEX
PAPELÃO BRANCO PARANÁ

Em São Paulo — Representantes:

RUA GUAPORÉ, N.º 465

FONES: 227-8393 - 227-2253 - 228-4224 - 228-1875

papel mais raro, papel mais escasso? porque?

ABEL P. RIBEIRO FILHO

Nota — : Por ocasião da recente exposição da T.P.G., em Paris, foi distribuído um artigo do "Groupement Français des Fabricants des Papiers d' Impression et d' Ecriture" intitulado: "Papier plus rare... Papier plus cher... Pourquoi?"

Por sua importância, já que analisa conscientemente o mercado francês de papel, e por sua clara menção ao Brasil, cujas reservas florestais são apregoadas com entusiasmo, apresentamos neste número sua tradução.

A partir das recentes eleições presidenciais, os franceses começaram a ter consciência da grave ameaça que pesa sobre seus estoques de papel. No estrangeiro, os primeiros efeitos de uma crise mundial de papel fizeram-se sentir depois de alguns meses. No Japão, na Inglaterra e na Itália, os jornais reduziram suas páginas por falta de papel.

Na França, os clientes tradicionais dos fabricantes de papel sabiam, desde o fim de 1973, que um certo desequilíbrio entre a oferta e a procura de papel.

O PAPEL TORNOU-SE MAIS CARO, POR QUE?

É conveniente, primeiramente, lembrar que a França importa dos países escandinavos e canadenses mais da metade da celulose necessária à fabricação de papel; o restante é produzido na França a partir de madeira, francesa ou estrangeira, e de material recuperado.

No decurso do período de maio de 1973 a abril de 1974, nossos fornecedores foram obrigados a aumentar o preço das celuloses que importávamos, numa proporção que variava de 30 a 60% de acordo com a proveniência.

Uma nova alta de 30% está em vias de ser aplicada.

Por seu lado, o preço da madeira francesa aumentou de mais de 100% por ocasião das grandes vendas de outono e as madeiras soviéticas utilizadas na fabricação da celulose francesa tiveram seus preços aumentados de 140%.

É bem evidente que o custo do papel não poderia ter outra alternativa que elevar-se proporcionalmente à elevação de preços das matérias primas.

Isto tem sido estreitamente controlado por um acordo de programação de preços existente entre nossos sindicatos e os Poderes Públicos e que não levou em consideração as elevações consideráveis dos preços de outros elementos.

É assim que a indústria papelreira teve de absorver 18% do aumento dos preços sem poder aplicá-los nos respectivos preços de venda.

Podemos constatar que a indústria francesa de papel é obrigada a pagar suas matérias primas de acordo com os preços internacionais embora não possa fixar seus preços de venda nesses mesmos índices internacionais.

O PAPEL ESTÁ SE TORNANDO MAIS RARO. POR QUE?

Por duas razões básicas:

— primeiramente, porque a demanda de papel aumentou mais do que a oferta

— em segundo lugar, porque a matéria principal, qual seja a celulose e as pastas químicas, estão se tornando mais raras.

AUMENTO NA DEMANDA

Vocês podem imaginar as causas principais: paginação crescente dos jornais, magazi-

nes e periódicos, acrescido do desenvolvimento da publicidade, à elevação do padrão de vida do francês, que os incita a consumir cada vez mais papel de impressão, papel de cartas, papel de embalagens, papel de uso doméstico... sem falar do papel "eleitoral"!

Acrescentem a isso as "compras por precaução" efetuadas por certos transformadores, e compreenderão porque os fornecedores da maior parte dos tipos de papel somente com muita dificuldade conseguem satisfazer a seus clientes.

Alguns poderão alegar que a categoria papelaria falhou nas suas previsões e não tomou as providências necessárias para atender a essa elevação de demanda.

É fácil de se responder a essa crítica. No decorrer dos últimos dez anos, a regulamentação de preços sempre impediu a indústria papelaria francesa de rebater totalmente nos preços de venda do papel as elevações de custos que ela foi obrigada a aceitar. Esta política teve duas consequências mais graves: por um lado, ocasionou uma fraca rentabilidade na indústria de papel (os lucros diminuíram de 25% nos últimos anos!) por outro lado, gerou uma ausência de recursos financeiros necessários para investimentos urgentes e inadiáveis.

Quando se afirma que uma máquina de papel pode custar até mais de 100 milhões de francos, pode-se imaginar a angústia e os problemas dos industriais que, a todo custo, querem realizar seus projetos.

PENÚRIA DE MATÉRIAS PRIMAS?

Ela é devida a diversas causas, que podem não estar interligadas, mas cujos efeitos são acumulativos: más condições climáticas, greves prolongadas nas indústrias de celulose, etc. Há também as causas de conjunturas: recentemente, os produtores finlandeses começaram a fornecer mais matéria prima para seus vizinhos soviéticos, em troca do precioso combustível, cancelando pedidos franceses. Além disso, o governo americano recentemente liberou, com certas restrições, os preços de celulose e papel; dispondo de bons preços em seu mercado nacional, há menos interesse por parte dos americanos em exportar para seus clientes estrangeiros.

QUAL O FUTURO?

Ninguém que pense com seriedade pode imaginar que um simples toque com uma varinha de condão possa nos recolocar nos felizes tempos de abundância. Torna-se necessário, pois, encontrar soluções duráveis para os problemas de hoje e que continuarão a persistir amanhã.

Três soluções mais importantes podem ser destacadas, para resolver o problema francês:

— de início, uma melhor utilização dos recursos florestais franceses, um dos mais vastos e mais ricos da Europa. As elevações dos preços da madeira deverá incentivar os reflorestadores florestais para melhor explorar suas reservas. Em paralelo, uma elevação do preço da celulose e pastas favorecerá a implantação de unidades para tratamento da madeira.

— Em seguida, a exploração de novas áreas florestais, notadamente na América do Sul e, mais particularmente, no Brasil, onde importantes grupos internacionais empenham-se na obtenção de concessões.

— Enfim, a reciclagem de papéis velhos. Atualmente, 30% dos papéis e cartões consumidos na França são recuperados e, segundo os especialistas, essa proporção pode atingir a 40 e até 45%, a exemplo do que acontece com muitos outros países.

Mas para que essas condições satisfaçam aos franceses, é preciso que os produtores de papel não se interessem pelos mercados estrangeiros.

Atualmente, em função da regulamentação francesa de preços, a maior parte dos tipos utilizados para imprimir e escrever, por exemplo, são vendidos na França a preços de 20 a 50% mais baratos que nos estrangeiros.

Portanto, o fabricante francês é colocado perante as seguintes alternativas: ou atende aos pedidos estrangeiros que são formulados a preços remunerativos, ou vende na própria França nos preços regulamentares, que podem ser altamente desinteressantes.

A consequência imediata de tal situação é o desenvolvimento das exportações. No decorrer dos dois primeiros meses de 1974, o volume de exportação foi acrescido de 40% se relacionado com o mesmo período em 1973.

O paradoxo evidente é que a clientela francesa deverá abastecer-se, no estrangeiro, nos mesmos preços internacionais que não são permitidos no próprio mercado francês.

A situação atinge tal ponto que o próprio jornal "Le Monde" colocava, como título, em 26 de março de 1974: "Le papier... comme le pétrole".

O paralelismo de situações é bem evidente. O baixo preço do papel acarretou um consumo cada vez mais acentuado e ao mesmo tempo uma degradação da rentabilidade das empresas papelarias.

Esses dois fenômenos conduziram à atual situação do mercado francês.

O papel deve ser considerado um produto mais caro, de tal maneira que os novos níveis de preços permitam atingir níveis que compensem as inversões financeiras indispensáveis ao progresso do setor.

reflexos da crise de papel na imprensa do reino unido

Transcrito do Seminário Inglês
«The Economist»

Recente edição do semanário inglês "The Economist" fez um longo comentário sobre a situação dos jornais na Inglaterra, face à crise do papel e ao aumento dos preços das matérias-primas. Um dos casos citados pelo artigo "A imprensa sob pressão" é o da empresa escocesa Beaverbrook Newspapers, que, no início de abril, foi obrigada a parar grande parte de sua produção, deixando 1.800 pessoas sem emprego, numa região de alto índice de desemprego.

Os funcionários da empresa estão agora discutindo com o governo a possibilidade de eles mesmos adquirirem as instalações e imprimirem seu próprio jornal. O ex-Primeiro Ministro inglês, Edward Heath, teria inclusive sugerido uma investigação na contabilidade das diversas empresas jornalísticas britânicas.

A companhia escocesa adotou esta medida porque estava deficitária. No exercício que se encerrou em junho do ano passado, o grupo realizara um lucro bruto de 1,5 milhão de libras esterlinas, mas de julho a dezembro do mesmo ano chegou a perder 264.000 libras. O vespertino do grupo, editado em Londres, o Evening Standard, está obtendo um lucro de apenas 100.000 libras, enquanto no ano passado chegou a realizar 1 milhão de libras. Os problemas da Beaverbrook Newspapers são provavelmente os mesmos dos proprietários de jornais de toda a Inglaterra.

Alguns já foram detectados: redução da circulação dos jornais que não possuem um mercado claramente definido, em geral uma administração falha, agitação sindical, dependência da publicidade e a concorrência da televisão. Mas o que preocupa os donos dos jornais, ago-

ra, é o aumento astronômico do preço do papel, além do recesso da publicidade.

O aumento dos preços do papel pegou a indústria de surpresa, afirma The Economist. Durante quase toda a década de 60, o preço manteve-se ao redor de 60 libras a tonelada métrica. Em termos reais, o papel baixou e os jornais aproveitaram para aumentar seu tamanho. Com o consumo girando ao redor de 1,4 milhões de toneladas ao ano, os custos anuais do papel para o conjunto dos jornais britânicos eram aproximadamente 85 milhões de libras. Em janeiro de 1970, o preço do papel produzido na Inglaterra subiu pela primeira vez, em quase dois anos, 2 libras por tonelada, indo para 68 libras.

Em julho do mesmo ano, o preço tornou a subir e a partir de então não parou mais. O último aumento, anunciado na primeira semana de abril, elevou o preço a 120 libras. E outro está a caminho.

O preço do papel, portanto, duplicou, inclusive o da matéria-prima produzida na Inglaterra e que corresponde a um quarto do consumo total. O papel importado do Canadá e da Escandinávia aumentou mais ainda; seus preços são 10 libras superiores aos britânicos.

Em 1973, quando muitas das grandes companhias inglesas passaram a comprar espaço para publicidade para reduzir a visibilidade de seus lucros, o consumo de papel aumentou para 1,5 milhão de toneladas na Grã-Bretanha. Se esse ano os jornais tentarem manter o mesmo tamanho de 1973, seus custos subirão de 140 milhões de libras para aproximadamente 210 milhões, em outras palavras, quase o total de seus

gastos em papel em toda a década de 60. Os jornais britânicos consomem três quartos de todo o papel de imprensa.

O papel subiu vertiginosamente porque a oferta de papel e celulose aumentou menos que a demanda. Não se trata de uma mercadoria cujo preço tenha sido inflado pelos especuladores. Não seria possível aumentar o número de árvores de repente e as grandes áreas florestais do mundo não podem ser derrubadas de uma só vez para satisfazer o apetite desta geração. Ainda que uma recessão mundial diminua a demanda de produtos de papel e celulose, o preço do papel de imprensa não deverá sofrer uma queda acentuada. Na Inglaterra, são classificados os jornais em populares e de qualidade, classificação esta que esconde as diferenças entre o jornal lucrativo e o não lucrativo.

Os jornais britânicos estão se defrontando, hoje, com um aumento dos custos do papel de aproximadamente 55 milhões de libras, um aumento dos salários dos jornalistas de 7%, outro aumento de 8%, a partir de 1.º de outubro para os gráficos (aprovado em 1972), uma ajuda de custo que está sendo renegociada, mais as verbas extraordinárias que cada Sindicato ganha nas barganhas (em geral, o mesmo que o concedido no acordo nacional). E todos os outros custos, desde contas telefônicas, a taxas de correios e tinta, também estão subindo.

O problema da sobrevivência é mais crucial para os jornais que não pertencem a um grupo diversificado. O Observer é um caso isolado, mas em geral consegue se equilibrar porque é rigidamente administrado (como o Guardian, é agora o The Times). As perdas do Guardian, quase 1 milhão de libras no exercício encerrado em março de 1973, foram cobertas pelos lucros do Manchester Evening News, mas agora devem ser mais elevadas. O Sunday Telegraph está em deficit, e o Daily Telegraph não deve estar tendo lucros. O Telegraph cobrava um preço muito baixo para a publicidade e confiava excessivamente nos anúncios classificados, reconhecidamente lucrativos. Embora o grupo não seja diversificado, os proprietários, a família Berry, têm investimentos em vários setores.

O Financial Times, da Pearson Longman, é talvez o único jornal inglês que tem superavit. Perto de 80% de suas rendas, aproximadamente 12 milhões de libras ao ano, provêm de publicidade.

A queda de 6% da renda da publicidade, este ano, atingiu muito mais os jornais de qualidade do que os populares. O Times, que não teve lucros nem perdas no ano passado, agora está tendo em média um deficit anual de 300.000 libras anuais — e este deficit será maior ainda se a publicidade cair 20%, segundo certas previsões. O deficit do The Times, da Thompson Organization, é coberto pelos lucros da Thompson

Scottish Organization de propriedade de Lord Thompson.

A Associated Newspapers sabiamente diversificou suas atividades estendendo-se ao campo bastante lucrativo dos jornais de província.

A Beaverbrook Newspapers não tem a quem recorrer. Suas propriedades somente poderão se transformar em dinheiro líquido se a empresa parar de imprimir jornais. Ela não compreendeu que boa administração não quer dizer maus jornais. O grupo Mirror, por outro lado, acha importante possuir uma gráfica eficiente, e investiu 7 milhões de libras numa modesta gráfica que utiliza a fotocomposição, para produzir o Daily Record e o Sunday Mail.

A empresa Reed produz papel e também os jornais do grupo Mirror e portanto está segura. A empresa deixou de pertencer à Associação dos Editores de Jornais da Inglaterra, que, teoricamente, constitui uma frente única dos empregadores contra os Sindicatos. Uma noite de produção perdida pode implicar em centenas de milhares de libras e de leitores perdidos em favor dos concorrentes e os jornais não estão em condições de suportar a interrupção de suas operações. Mas se pararem todos ao mesmo tempo, como aconteceu em 1972, os sindicatos entrarão em acordo ao nível nacional.

Na prática, porém, a frente unida muitas vezes oculta uma porta dos fundos através da qual, cada administração tenta resolver seus problemas isoladamente, a começar pelos salários. Segundo a Reed, é melhor tratar com os sindicatos desde o início. E confia muito no sucesso de seu programa de relações com os empregados, chamado "relacionamento das pessoas no trabalho".

O programa da Reed poderá ser criticado, mas é uma tentativa de civilizar as relações entre empregadores e empregados, muito mais selvagens na imprensa do que em qualquer outro setor da indústria britânica. Por razões óbvias, a imprensa não revela estes pormenores. Em 1966, o The Economist calculou que seria possível economizar 50% da mão-de-obra nas salas de máquinas, 30% nas oficinas de fundição, 50% no processamento e 10% na redação.

Mas alguns sindicatos protestaram que se a administração podia pagar os aumentos dos preços do papel, evidentemente tinha também dinheiro para pagar mais salários. Alguns gráficos ganham mais de 5.000 libras ao ano, na Inglaterra. Estes salários só podem ser justificados pela introdução de novas tecnologias. A julgar pela indústria jornalística de outros países, em que jornais de circulação muito menor são bem sucedidos, uma mudança tão radical dos hábitos sindicais não apenas aumentaria as perspectivas de sobrevivência dos jornais existentes, como inclusive permitiria o lançamento de novos jornais locais e estrangeiros.

noticiário

BORREGAARD TEM NOVO PRESIDENTE

A indústria de celulose Borregaard informou que o general Breno Borges Fortes será seu novo presidente, em substituição a Erling Lorentzen, norueguês radicado no Rio de Janeiro. O general já comandou o III Exército e chefiou o Estado-Maior do Exército.

Na mesma nota que anuncia a escolha de seu presidente, a direção da empresa comunica que os acionistas decidiram reestruturar toda a diretoria. Os atuais dirigentes serão mantidos nos cargos até a próxima assembleia geral extraordinária, prevista para dentro de 90 dias.

PAPEL: FAO PREVÊ UM LONGO PERÍODO DE ESCASSEZ

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) prevê um período de escassez mundial de papel — principalmente da imprensa — que durará de cinco a dez anos. A informação foi dada durante a Conferência para o Desenvolvimento das Indústrias Florestal e Papeleira, que se realiza em Canberra.

Segundo a FAO, a escassez mundial de papel será de cerca de 80 milhões de toneladas, e será sentida principalmente no setor do papel de imprensa que é menos rentável e em parte pela maior escassez nos fornecimentos de madeira da variedade requerida pelo produto.

PARA TÉCNICO DA FAO, BRASIL PODE SUPRIR-SE DE CELULOSE

“O Brasil tem todas as condições para tornar-se, nos próximos 5 a 10 anos, um dos maiores fornecedores de papel e celulose ao mercado mundial”, revelou em São Paulo o Sr. Egon Glesinger, consultor de assuntos florestais de organismos ligados à FAO.

Ex-diretor-geral assistente da FAO e ex-diretor da Divisão de Assuntos Florestais daquela entidade da ONU, o técnico baseou-se em estudos realizados em prolongadas visitas às áreas florestais brasileiras para apontar essa perspectiva desenvolvimentista.

“Estimativas moderadas — afirmou — mostram uma demanda mundial de papel, por volta

do ano 2 mil, de 300 milhões de toneladas. Para isso, a produção nacional deverá crescer de 150 a 170 milhões de toneladas. Nesse mercado o Brasil e os países do Terceiro Mundo podem contribuir com aproximadamente 1/4 da oferta, isto é, perto de 40 milhões de toneladas.

Destacou o técnico da FAO que “o futuro da produção florestal do Brasil não se vai basear em uma transformação gradual de suas florestas naturais, através de práticas administrativas tradicionais, “mas em plantações de árvores de enorme rapidez de crescimento e alto rendimento”. O reflorestamento econômico beneficiará “solos florestais quase improdutivos, até aqui largamente intocados natural e economicamente”.

“O dinâmico progresso do reflorestamento no Brasil é um início de caminho em direção ao complexo de papel moderno, chapas e outras indústrias florestais em larga escala, mesmo em termos americanos ou escandinavos.

Os principais fatores dessa notável perspectiva brasileira em matérias-primas e manufaturados de madeira, segundo Glesinger: “1) uma nova política e técnicas modernas para grandes plantações de árvores; 2) progressos tecnológicos que capacitaram as indústrias de polpa, chapas e similares a utilizar a madeira como sua principal matéria-prima; 3) o início de um clima industrial indispensável ao crescimento e operação de sofisticadas indústrias de larga escala”.

“A viga mestra da nova política florestal é resultado do reconhecimento, por parte do Governo, das indústrias privadas e de investidores, tanto locais como estrangeiros, de que tanto os recursos, como indústrias florestais brasileiras, merecem a mais alta prioridade”, disse Egon Glesinger.

A demanda em potencial do mercado é reforçada pelo limite máximo a que estão chegando as reservas internacionais: A Europa, em 1970, apresentou um déficit de 30 a 40 milhões de metros cúbicos de madeiras e derivados. O Japão, segundo dados da FAO citados por Egon Glesinger, terá em 1975 um déficit de 30 milhões de metros cúbicos de madeira.

A tecnologia já implantada no refloresta-

mento e industrialização do papel e celulose, bem como as grandes extensões de terras, são fatores que abrem as perspectivas brasileiras como grande produtor.

	1.º desbastes anos	outros anos	aproveitamento ano	m ³ /ha.	Rot. de Flo- restas - anos
Brasil	8/10	3	14.0	25	21
E.U.A.	12	5	25.0	10	50
Países Nórdicos	25	10	50.0	4	100

COMBATE À POLUIÇÃO TEM FINANCIAMENTO

As indústrias consideradas poluentes do ar, em todo o Estado, contam com financiamento oficial para aquisição e instalação de equipamentos preventivos ou corretivos da poluição atmosférica, nos termos do convênio firmado entre o Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (Badesp) e a Superintendência do Saneamento Básico (Susam).

O objetivo é prevenir futuros casos de poluição e corrigir as distorções hoje existentes, principalmente na área da Grande São Paulo, onde está a maior concentração industrial do país.

As empresas interessadas na aquisição e instalação de equipamentos antipoluentes deverão recorrer à Susam para a aprovação dos projetos técnicos definitivos. Simultaneamente, poderão solicitar ao Badesp o financiamento para aquisição do material e execução das obras.

CIA SUZANO COMPLETOU SUA EXPANSÃO

A Companhia Suzano de Papel e Celulose completou seu projeto de expansão representado pela construção de uma nova fábrica destinada à produção de celulose, bem como um conjunto mecânico para fabricação de cartões do tipo duplex e triplex couché. A fábrica de celulose tem uma capacidade nominal de 500 toneladas diárias, enquanto uma outra unidade industrial (B-6) produzirá cerca de 300 toneladas por dia de cartões.

Esse conjunto industrial representa o que existe de mais moderno no mundo em matéria de fabricação de papel e celulose. O investimento global da Cia. Suzano em seu projeto de ampliação é de Cr\$ 400 milhões, com um financiamento do BNDE no valor de Cr\$ 160 milhões.

Com a entrada em operação do conjunto industrial (B-6) — a maior máquina de qualquer tipo já construída no hemisfério sul — o mercado deverá receber um considerável volume de cartões de alta qualidade.

PERSISTE A FALTA DE PAPEL NOS MERCADOS

A escassez do papel e do papelão persistirá nos principais mercados mundiais, em razão dos reduzidos programas de investimento na indústria papelreira, durante a fase de recessão ocorrida há três anos.

As condições climáticas, conforme o quadro seguinte demonstra, também favoreceram a excepcional produtividade das florestas artificiais:

A capacidade das indústrias papelreira e de polpa de madeira foi, em 1973, apenas suficiente para enfrentar o "boom" provocado pela reativação simultânea da economia da América do Norte, Europa e Japão, regiões que, em conjunto, absorvem 80% do consumo mundial de polpa de madeira, papel e papelão.

A situação de escassez resultante desses fatores deveria permitir aos produtores pedir os aumentos de preço considerados necessários, para recolocar a indústria da polpa e do papel em condições rentáveis, contudo a inflação e alta dos preços de custo fazem naufragar em grande parte essas esperanças. Os investimentos maciços que provavelmente serão destinados nos próximos cinco anos ao setor não possibilitarão um reequilíbrio da relação oferta e procura.

Segundo previsões norte-americanas, só se chegará a um aumento de 48% (equivalente a 100 milhões de toneladas) em relação à produção atual anual em 1985.

A indústria papelreira norte-americana prevê uma produção crescente de papel de imprensa, e uma expansão mais ampla da produção madeireira.

Contudo, as dificuldades da indústria mundial, considerada globalmente, para gerar capitais adequados de investimento ou para obtê-los no mercado financeiro, continuarão representando um enorme obstáculo à expansão do setor.

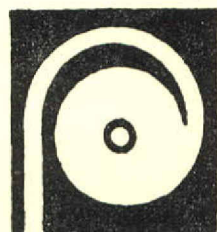
A esses problemas se acrescentam outros, de caráter ecológico: grande parte dos investimentos da indústria papelreira norte-americana em 1973 foi destinada aos controles sobre a contaminação do meio ambiente que se, por uma parte, melhoram a produtividade, por outra continuam representando um peso enorme sobre o capital.

Além disso, as boas perspectivas são obscurecidas este ano pela crise de energia e pelos controles que os governos pretendem impor.

Sobre a situação do setor papelreiro mundial pesa uma série de incertezas além de previsões errôneas feitas no passado.

PRODUTOR DE PAPEL E CELULOSE QUER INVESTIR EM MINAS

Para conhecer os grandes projetos de reflorestamento do Estado, estarão em Minas nos dias 18 e 19 deste mês, técnicos da Crown Zellerbach, o maior fabricante mundial de celulose



PAPIRUS,

INDÚSTRIA DE PAPEL S. A.

FABRICAS EM LIMEIRA E CORDEIRÓPOLIS

ESCRITÓRIO: Rua Clímaco Barbosa, 578 — 01523 — São Paulo

Tels.: 278-6409 — 278-6765 — 279-4051 — 279-0303

CARTÕES E CARTOLINAS DUPLEX E TRIPLEX — CARTÕES PARA FÓSFOROS E CARTONAGENS — TIPO STRONG — TIPO KRAFT — CAPA PARA ONDULADO

CONHEÇA NOSSO CARTÃO MARMORIZADO PARA ONDULADO E CARTONAGEM

e papel, dando seqüência a entendimentos anteriores mantidos por diretores do grupo norte-americano com empresas mineiras, através da Secretaria da Fazenda.

Os técnicos estrangeiros visitarão os maciços florestais implantados pela Plantar Reflorestamento, na região de Curvelo, e em seguida o município de Burtizeiros, na área da Sudene onde a Plantar inicia este ano a implantação do Projeto Integrado Marangaba, em área de 60 mil hectares.

O grupo norte-americano tem interesse em investir não só no setor de reflorestamento, para exportação de madeira, mas estuda também a instalação de uma indústria de celulose e papel, em associação com os brasileiros.

Com um volume anual de vendas superando 1 bilhão de dólares, a Crown Zellerbach é uma das maiores corporações industriais dos Estados Unidos, classificada na "lista dos 500" da revista "Fortune".

Sediada em São Francisco, Califórnia, tem ramificações em vários países, embora suas atividades se concentrem mais nos Estados Unidos e Canadá. Nesses países, somente o número de fábricas de celulose e papel de sua propriedade sobe a 13, sem contar com outros setores industriais. Além disso, tem participação acionária em outras fábricas nos Estados Unidos, Holanda, Japão e Chile.

TABELA DE CONVERSÃO DE MOEDAS PARA O LIVRO

divulgada pela Câmara Brasileira do Livro, para 1974.

Dólar, livro normal	12,00
Dólar, livro de bolso	13,00
Peseta	0,23
Franco francês	2,60
Libra, livro normal	30,00
Libra, livro de bolso	32,00
Escudo	0,50
Lira	0,03
Franco suíço	3,50
Florim	4,00
Franco belga	0,33
Peso mexicano	1,00
Marco	3,20

BNDE FINANCIA FÁBRICA DE PAPEL

O Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico acaba de conceder financiamento superior a 56 milhões de cruzeiros, com recursos do **Fundo de Modernização e Reorganização Industrial**, para que uma empresa particular, localizada no município de Goiana, em Pernambuco, produtora de celulose, papel e embalagens de papelão ondulado, complete e modernize suas instalações. A companhia beneficiada, que começou a operar no ano passado, tem a maior

unidade de produção de celulose do País, e usa como matéria-prima o bagaço de cana. Para esse fim, incorporou tecnologia de uma organização estrangeira cujas pesquisas na especialização são consideradas internacionalmente as mais avançadas.

PONSA

O BNDE concedeu um financiamento de Cr\$ 56 milhões, com recursos do Fundo de Modernização e Reorganização Industrial, à empresa Papel Ondulado do Nordeste S. A. para completar a instalação de seu parque fabril, destinado à produção de celulose, papel e embalagens de papel ondulado.

No momento, a empresa tem a maior unidade de produção de celulose, a partir do bagaço de cana e com a conclusão do projeto terá capacidade de produção diária de 70 t. de celulose, 117 t. de papel e 60 t. de papelão ondulado. Atualmente, sua produção é de 58 t. de celulose, 81 de papel e 53 de papelão ondulado.

JOHNSON E JOHNSON

Quatro milhões de cruzeiros deverão ser investidos na nova fábrica que a Johnson e Johnson está construindo em São José dos Campos, a fim de aumentar sua produção de absorventes higiênicos Modess. A nova unidade industrial deverá entrar em operação no decorrer de 1975.

PALMEIRA PATI

Um laudo do Instituto Nacional de Tecnologia mostrou que a palmeira pati, que dá abundantemente no solo pobre do Maranhão, é a melhor árvore para a produção de celulose em toda a região Nordeste — segundo revelou o economista Jaime Santana, secretário da Fazenda do Maranhão.

Disse aquele técnico que, com o apoio do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o Maranhão está agora tentando reduzir o número de anos necessários para aquela palmeira chegar à idade de ser cortada.

— Com isso — afirmou o sr. Jaime Santana — estaremos proporcionando ao empresariado duas vantagens na plantação da palmeira pati: como reflorestamento da área; e na venda para fábricas de celulose.

Confirmou, também o economista Jaime Santana a declaração do engenheiro Haroldo Tavares, prefeito de São Luiz sobre a produção de carvão a partir de outro palmeira famosa no Maranhão: o babaçu.

PODERÁ SER INSTALADA EM PORTO ALEGRE UMA ESCOLA GRÁFICA

A ABIGRAF/RS realizou, com a colaboração e assistência do SENAI, um levantamento junto a 48 empresas gráficas do Rio Grande do Sul, a fim de medir as reais necessidades de en-

sino especializado, visando à instalação de uma escola gráfica padrão. A Associação dos Fabricantes Alemães de Máquinas e o Ministério de Auxílio ao Desenvolvimento ofereceram substancial ajuda para a instalação da referida escola.

O projeto prevê um aperfeiçoamento da mão-de-obra especializada, de modo especial das técnicas modernas, como **offset**, fotomecânica e fotocomposição. A pesquisa que ora está sendo levada a efeito visa a formar as bases para a instalação da escola, buscando os setores mais deficientes no que respeita à mão-de-obra especializada.

Todo o equipamento necessário seria financiado com o prazo de pagamento de 30 anos, dez anos de carência e juros de 2% ao ano. O corpo docente, de até doze professores, seria posto à disposição, sendo substituído parceladamente, de quatro em quatro anos, por professores nacionais.

A oportunidade que se apresenta aos industriais gráficos gaúchos, na consecução de tão necessário empreendimento, merece a maior atenção, pois resolverá a médio prazo um dos grandes problemas da indústria gráfica, ou seja, a carência de mão-de-obra especializada.

O levantamento realizado está sendo estudado no sentido de dar a melhor solução ao problema.

PROPOSTA A DESVINCULAÇÃO ACIONÁRIA DA OLINKRAFT, INC. DA OLIN CORPORATION NOS EUA

De acordo com uma proposta recente do Conselho Diretor da Olin Corporation, foi recomendado que a posse de sua subsidiária integral, Olinkraft, Inc., seja transferida diretamente aos acionistas da Olin, através de uma operação de desmembramento, reclassificação e permuta das ações do seu capital.

Esta recomendação foi motivada pela crescente especialização necessária para uma gestão eficiente das suas diversas atividades, em face à contínua expansão do grupo, conforme anunciado por James F. Towey, Presidente do Conselho Diretor e Executivo Principal da Olin Corporation.

A Olinkraft, Inc. é uma indústria de produtos florestais e os seus extraordinários envolvimento em maciças inversões, quer nos Estados Unidos, quer no Brasil, onde mantém, desde 1958, a Olinkraft Celulose e Papel Ltda., indicava também a conveniência desta desvinculação.

Com instalações industriais no Município de Lages, SC, a Olinkraft brasileira produz celulose, papel e cartões kraft e sacos multifolhados de papel. A inauguração de uma fábrica de caixas de papelão ondulado em Jundiá, SP, por este tradicional fabricante de produtos kraft não-branqueados, completou sua integração vertical nesta linha.

A Olinkraft foi quem produziu o primeiro papel Kraft 100% brasileiro.

Foi a primeira a exportar celulose Kraft natural para o exterior.

Produz mais de 50 toneladas de sacos multifolhados por dia.

Produz os cartões "Omnikraft" e "Kapakraft" utilizados nos mais diversos tipos de embalagem.

Inaugurou recentemente em Jundiaí a sua primeira fábrica de caixas de papelão ondulado no Brasil.

E agora está lançando os seus cartões Kraft revestidos "Olinkote" e "Kraftkote."

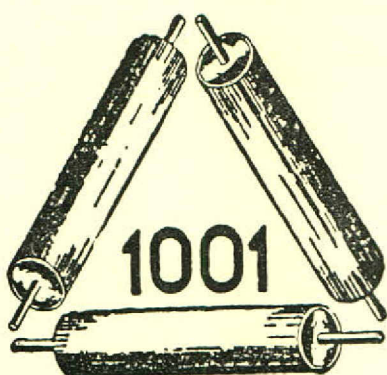


E o culpado de tudo isso é esse pinheirinho aí, o primeiro dos 50 milhões que a Olinkraft já plantou até hoje.

Foi com ele que começou essa história toda.



Olinkraft Celulose e Papel Ltda. - Av. Brigadeiro Luíz Antônio, 4531
Caixa Postal 7577 - São Paulo - SP - Fábricas: Lages, SC - Jundiaí, SP



C.G.C. 61.508.537/001

INSC. 102.332.001

AGORA REVESTINDO CILINDROS ATÉ 9 METROS ENTRE PONTAS

Ø MÁXIMO DE 1.200 M/M

Especializada no revestimento de prensas de ebonite e borracha — Sucção — Size Press — Off-Set — Guia Fêltro — Guia tela cabeceira — Lumpbreaker — Self-Skinner — Úmida — Monolúcida — Lavav fêltro — Mesa plana — Abridor de fêltro — Cortadeira Duplex — Micro-Rock — Estonite — Venta — Nipe Termonolustro

AGORA REVESTINDO CILINDROS PARA MESA PLANA COM MICROLITE, QUE PROPORCIONA MAIOR DURABILIDADE DA TELA

REVESTIMENTOS EM RESERVATÓRIOS E TUBOS

Indústria de Artefatos de Borracha "1001" Ltda.

FÁBRICA: AVENIDA GUILHERME COTCHNG, 424

Escrt.: R. Dias da Silva, 11 (V. Maria) — Telefones: 292-9611 — 292-9816 — 292-9161

End. Telegr.: "MILEUM" — São Paulo (Vila Maria)

Escritório no Rio: Tels.: 223-0438 — 243-1829 — 243-1557

Em associação com o grupo Plantar, a Olinkraft projeta a construção de uma nova fábrica de papel, a Braskraft, com a produção inicial de 600 t/dia prevista para 1977, representando investimento inicial superior a US\$ 112 milhões.

PROGRAMA FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

1. Objetivos Gerais: O Programa Florestal do Estado de São Paulo, elaborado em 1970, por equipe mista do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e Secretaria da Agricultura, assim se expressava em seu SUMÁRIO:

1.1 Conceito

O Programa Florestal do Estado de São Paulo tem como objetivo imediato oferecer a determinadas regiões do Estado, condições para melhor desenvolver-se social e economicamente, através das atividades florestais. Representa, por isso, uma concentração de medidas harmônicas, visando a conciliar interesses resultantes dos incentivos fiscais e de um maior e mais racional uso da terra atualmente ociosa, visando a aumentar a oferta da matéria-prima florestal; e, por fim, visando a preservar e valorizar expressiva parcela dos recursos naturais renováveis. O resultado final deverá ser uma extraordinária multiplicação da superfície coberta com florestas, no Estado de São Paulo, porém não de caráter pulverizado e romântico, e sim em glebas extensas, sob planejamento, em condi-

ções de franca e rendosa exploração industrial, atendendo ao objetivo supremo deste Programa que é o de criar condições para o surgimento e para a INTEGRAÇÃO DA INDÚSTRIA MADEIREIRA DO ESTADO DE SÃO PAULO.

1.2 Justificativa

Em suas linhas gerais, o Programa Florestal assim se justifica:

NECESSIDADE DE PROPICIAR CONDIÇÕES PARA O SURGIMENTO NO ESTADO DE SÃO PAULO DE GRANDES MACIÇOS FLORESTAIS VISANDO À INTEGRAÇÃO DAS INDÚSTRIAS MADEIREIRAS.

NECESSIDADE DE PROMOVER O DESENVOLVIMENTO DE ÁREAS ATUALMENTE MARGINALIZADAS DO PROGRESSO E, AO MESMO TEMPO, ATENDER A UM IMPERATIVO DE DEMANDA CRESCENTE DE MATÉRIA PRIMA FLORESTAL.

NECESSIDADE DE DINAMIZAR A APLICAÇÃO, EM TERRITÓRIO PAULISTA, DOS BENEFÍCIOS DECORRENTES DA LEI FEDERAL N.º 5.106, CUJOS ÍNDICES DE APROVEITAMENTO TÊM SIDO DECEPCIONANTES, NESTE ESTADO.

O Programa Florestal é, desse modo, uma tentativa de provocar uma saudável orientação para o reflorestamento, em bases técnicas e econômicas, devendo significar, em última análise, a valorização do Homem e da terra nas zo-

NOTÍCIAS DA FINLÂNDIA

nas presentemente colocadas à margem do nosso processo de desenvolvimento, mas que apresentam excelentes condições para a implantação de uma silvicultura moderna, e, portanto, dinâmica e eficiente.

1.3 Objetivos básicos

Com fundamento no diagnóstico e estudos feitos, resultou que ao Governo do Estado de São Paulo compete, através deste Programa Florestal os seguintes objetivos fundamentais:

DINAMIZAR O DESENVOLVIMENTO FLORESTAL PAULISTA POR MEIO DE INCENTIVOS ORIENTADOS E COORDENADOS POR UMA POLÍTICA GLOBAL DESSE SETOR.

UNIFICAR A ATUAÇÃO DOS VÁRIOS ÓRGÃOS PÚBLICOS E PRIVADOS INTERESSADOS NO EQUACIONAMENTO E SOLUÇÃO DO PROBLEMA FLORESTAL PAULISTA.

ESTABELECEER ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA OS INCENTIVOS DE REFLORESTAMENTO, COM O OBJETIVO DE CRIAR CONDIÇÕES ADEQUADAS PARA O SURGIMENTO E INTEGRAÇÃO DAS INDÚSTRIAS FLORESTAIS.

OBTER, MEDIANTE UMA PROGRAMAÇÃO DEFINIDA, O SOERGUMENTO SOCIAL E ECONÔMICO DE REGIÕES ATUALMENTE INFERIORIZADAS EM RELAÇÃO AO RITMO DE CRESCIMENTO GERAL DO ESTADO.

As metas aí relacionadas constituem os objetivos dos estudos e trabalhos a seguir desenvolvidos e documentados, tecnicamente.

1.4 Comentário

Conforme se observa do que foi descrito anteriormente, o Programa Florestal do Estado, em sua versão original, publicada há 4 (quatro) anos, manifestava uma preocupação quase que exclusiva em adequar os problemas oriundos do setor econômico da atividade florestal sem dar tanta ênfase aos outros usos múltiplos da floresta, proteção e recreação.

Explica-se e justifica-se afeição aparentemente unilateral de tal abordagem: por um lado um programa de tal envergadura e escala, jamais pode ser estático, mas essencialmente dinâmico. No registro do próprio "Programa", à sua página 1, lê-se:

"O PROGRAMA FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO não pretende, malgrado tudo isso, ter "esgotado o assunto". Ao contrário, terá ainda muitas falhas, erros ou omissões. MAS ESTE NÃO É UM PROGRAMA DEFINITIVO E MUITO MENOS ESTÁTICO. É, a rigor um roteiro. Seu rumo irá sendo reajustado na medida em que isso for se mostrando preciso".

Por outro lado, já existe equipe mista IBDF/SA, formalmente constituída através Protocolo, que está procedendo atualmente a novos estudos que deverão definir com maior rigor e exatidão as áreas prioritárias em função de todos os usos múltiplos e econômicos, protetivos e recreacionais, embora em muitos casos tal separação seja inexequível ou mesmo indesejável.

Transcrevemos a seguir algumas notícias da Finlândia, transmitidas pela firma "Celulose Finlandesa Limitada", a quem deixamos aqui consignado o nosso agradecimento.

"Duas firmas portuguesas, a Sociedade Industrial de Celulose SOCEL e a Cia. Portuguesa de Celulose, encomendaram da Ahlstrom O/Y, a primeira maquinaria para a produção anual de 100.000 toneladas de pasta e a segunda dois conjuntos para lavagem de pasta ao sulfato de 85.000 e 150.000 toneladas. As entregas estão previstas para 1975 e 1974 respectivamente.

As firmas papeleiras Yhtyneet Paperitehtaat Oy, da Finlândia, e a British Cellophane Ltd., da Inglaterra, firmaram acordo sobre a comercialização de papel celofane na Finlândia. Este acordo destina-se a assegurar o aprovisionamento de matéria prima das firmas finlandesas deste ramo após o término em 31.5.1974 da produção nacional de celofane.

A crise de energia surgida em fins do ano passado é assunto que atrai séria atenção na Finlândia, como em todas as nações industrializadas. No momento, porém, alguns fatores colocam-na numa posição mais favorável do que os restantes países europeus, porquanto ela produz mais de 35% das suas necessidades. Desse volume, a energia hidroelétrica concorre com 13%, resíduos industriais e turfa 12% e térmica 11%. Outro fator favorável é a conveniência dos suprimentos de óleo, que garantirão quantidade suficiente em 1974, 65% das importações finlandesas vêm da URSS e 30% do Iran. A Finlândia já é um dos maiores consumidores de energia per capita, situando-se em 14º lugar nas estatísticas mundiais, e a tendência é aumentar o consumo.

No ano de 1973 a demanda de produtos da indústria florestal foi boa. Embora o nível de preços tenha melhorado, houve alguns aspectos negativos. A inflação ganhou impulso, os custos subiram com rapidez, escassearam mão de obra e matérias primas, causando sérios problemas para a indústria.

O valor total das exportações finlandesas em 1973 atingiram 14,61 bilhões de marcos finlandeses (— US\$ 3,62 bilhões), tendo a indústria de produtos florestais contribuído com US 1,86 bilhões 51,4%. Com relação a 1972, as exportações aumentaram 25%.

Em 1973 a produção de pasta mecânica totalizou 2.159.000 toneladas, tendo sido exportadas apenas 39.000 toneladas.

O total de celulose produzido foi de 4.151.700 toneladas, das quais foram exportadas 1.620.900 toneladas. A produção de pasta semi-química foi de 367.000 toneladas, toda ela utilizada na Finlândia.

Quanto a papel e cartão a produção atingiu 5.446.000 toneladas e a exportação 4.713.500 toneladas, incluindo 336.000 toneladas de artefatos.

BUONANNO MARINO S.A.

DISTRIBUIDORA DE PAPÉIS

Escritório e Vendas:

RUA DO HIPÓDROMO, 341

Fones: 93-1156 - 93-1157 - 93-1158

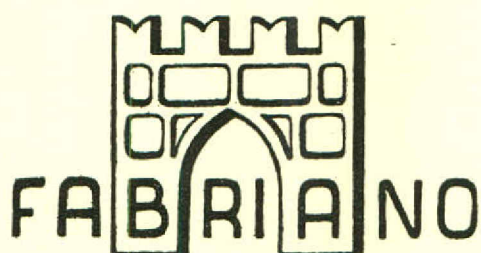
Depósitos:

RUA DO HIPÓDROMO, 331 - 341

349 e 316

e RUA 21 DE ABRIL, 695 e 703

Fone: 92-8287 — SÃO PAULO



PAPÉIS ESPECIAIS E DE
SEGURANÇA

RUA CONSELHEIRO CARRÃO, 596
FONES: 288-0659 — 34-0585 — 33-4795

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA
TODO O BRASIL DA CARTIERE MILIANI-
FABRIANO-ITALIA.

INGRES - MURILLO - COVER
ROSASPINA - RAFFAELLO - CLASSICO
CASTELLO.

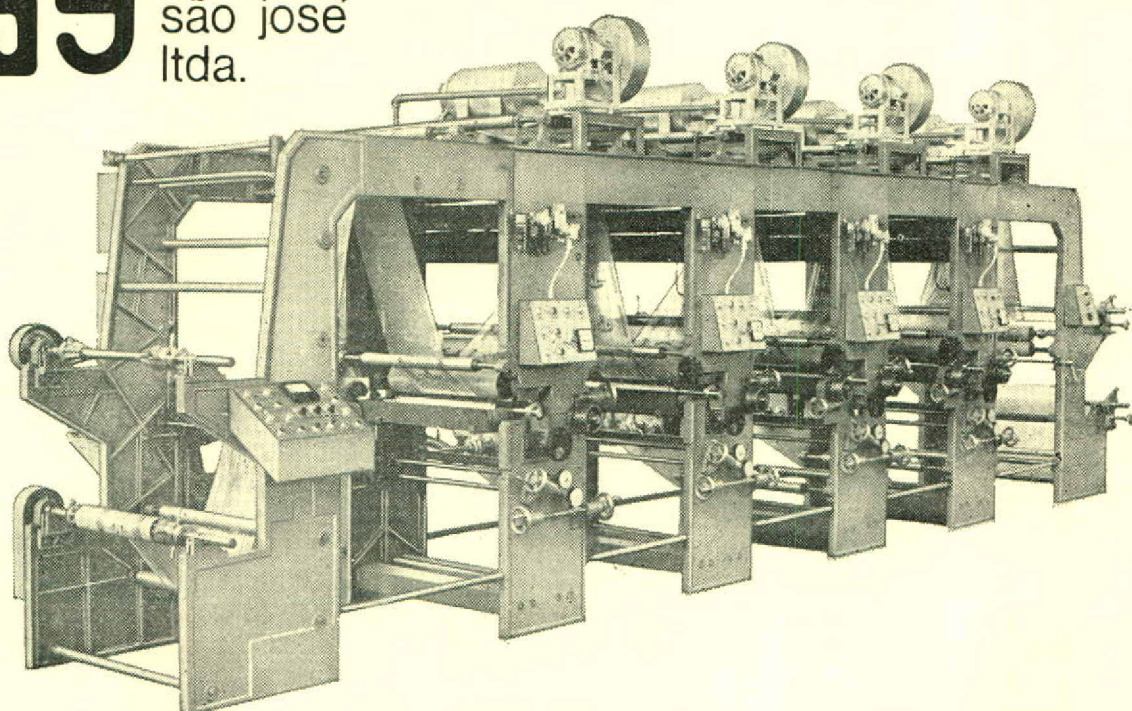
CARTÕES E PAPÉIS PARA CORRESPON-
DÊNCIA DE LUXO. TUDO PARA PRONTA
ENTREGA.

CARTÃO DUPLEX PARA IMPORTAÇÃO
DIRETA.



máquinas gráficas
são José
Ltda. FABRICANTE
DE MÁQUINAS

ROTOGRAVURA



Para POLIETILENO, POLIPROPILENO. PAPEIS, CELOFANE E ALUMÍNIO

Av. Vautier, 580
Fone: 227-0586

R. Cel. Guilherme Rocha, 66
Fones: 292-9598, 292-9601, 292-9702, 93-9503

São Paulo — SP.

noticias da anave

RENOVAÇÃO DO CONSELHO DIRETOR

Foram realizadas dia 30-05-74 na Sede Social da Associação, as eleições para renovação de 1/3 do Conselho Diretor. Num ambiente de cordialidade e democracia, o pleito transcorreu normalmente porém esteve presente o espírito competitivo dos candidatos interessados em que seus nomes fossem os mais votados. Foram eleitos os seguintes Conselheiros e Suplentes:

CONSELHEIROS

- 1 — PASCOAL SPERA
- 2 — OVIDIO PIMENTEL DE LIMA
- 3 — LOÉ CABRAL VELHO FEIJÓ
- 4 — AGENOR GONZAGA CEZAR
- 5 — PEDRO MASSUIA

SUPLENTES

- 1 — ANTONIO CARLOS CLEMENTE DA SILVA
- 2 — IVAN SCARPATO
- 3 — GILDO MENEGHINI
- 4 — WALDIR GOMES
- 5 — CARLOS ALBERTO PEDROSO

Na mesma oportunidade, em Assembléia Geral Ordinária, presidida pelo Sr. Joaquim Betet, o Sr. Ciro Torcineli Toledo Presidente da Associação fez uma prestação de contas da gestão anterior sendo aprovadas pelos presentes, por unanimidade.

Um agradecimento especial àqueles que saíram, pelo muito que fizeram durante suas gestões em prol do engrandecimento da ANAVE, e aos nossos votos de boas vindas aos novos Conselheiros e Suplentes.



Alguns flagrantes, durante as eleições para renovação de 1/3 do Conselho Diretor da Anave

novos associados

MÊS DE FEVEREIRO

PATROCINADOR

N.º 23 - P - **WEXPEL INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.**

Rua Camé, 523 - São Paulo - SP
MÊS DE MARÇO

N.º 436 - A - **PEDRO ANTONIO DE ALMEIDA**
Cinbal - Cia. Industrial de Embalagens

Rua Dr. Eduardo de Souza Aranha, 191, apto. 92 - 9.º andar - São Paulo - SP

N.º 437 - A - **FABIO MADI**

Ind. e Com. de Papéis Ltda.
Rua São João Batista, 322 - São Paulo - SP

N.º 438 - A - **MOACYR SANCHEZ**

J. Bresler S/A Indústria Papelão
Av. Com. Martinelli, 111 - São Paulo - SP

MÊS DE ABRIL

N.º 439 - A - **GERALDO BARRETO**

Cia. Ind. Paulista de Papéis e Papelão
Rua Cavour, 156 - São Paulo - SP

MÊS DE MAIO

N.º 440 - A - **VANDERLY CECILIA AZEVEDO**

Champion Papel e Celulose S/A
Rua Líbero Badaró, 501 - 9.º andar - São Paulo - SP

N.º 441 - A - **MARIA TEREZA MOTTA**

Champion Papel e Celulose S/A
Rua Líbero Badaró, 501 - 9.º andar - São Paulo - SP

N.º 442 - A - **SINIZIO ANTONIO DONATELLI**

Champion Papel e Celulose S/A
Rua Líbero Badaró, 501 - 9.º andar - São Paulo - SP

N.º 443 - A - **EDUARDO AMANTE**

Champion Papel e Celulose S/A
Rua Líbero Badaró, 501 - 9.º andar - São Paulo - SP

N.º 444 - A - **JORGE MALUF NETO**

KSR
Rua do Manifesto, 1764 - São Paulo - SP

N.º 445 - A - **FERDINANDO ANTONIO MONTANARI**

KSR
Rua do Manifesto, 1764 - São Paulo - SP

N.º 446 - A - **WEBER EUSTAQUIO DO MONTE**

Autônomo
Rua Eugênia de Carvalho, 516 - São Paulo - SP

MÊS DE JUNHO

N.º 447 - A - **JULIO DEMASCO**

Pinhofleck Soc. Prd. Com. de Madeira Ltda.
Rua 7 de Abril, 342 - 4.º andar - São Paulo - SP

N.º 448 - A - **MARIO APARECIDO SPERA**

Pelma S/A Com. Papéis
Rua Guaporé, 465 - São Paulo - SP

N.º 449 - A - **SIDNEI DOS SANTOS CABRAL**

Rua Hannemann, 90 - São Paulo - SP

N.º 450 - A - **BENITO NINO CIASCA**

Sócio Proprietário
Rua Mesquita, 674 - São Paulo - SP

N.º 451 - A - **LUIZ ANTONIO VASCONCELOS ALVES DE LIMA**

Cia. Melhoramentos de São Paulo e da Meliorpel Papéis e Imp. S/A

Rua Caldas, 210 - apto. 309 - Belo Horizonte - MG

N.º 452 - A - **PAULO GOMES DINIS**

Valinhos Cartonifícios S/A - Belo Horizonte - MG

N.º 453 - A - **MARIO LUCIO FARIA LOPES**

Representações Vieira Ltda.
Rua Guajaras, 410 - sala 402 - Belo Horizonte - MG

N.º 454 - A - **CELIO VIEIRA BORGES**

Industrial e Representante da Champion Papel e Celulose S/A
Rua Guajaras, 410 - sala 402 - Belo Horizonte - MG

N.º 455 - A - **WILSON RIBEIRO DIAS**

Fortapel Fornecedor Atacadista de Papelaria Ltda.
Rua Domingos Vieira, 149 - Belo Horizonte - MG

N.º 456 - A - **DYLO CAMARA EYER THOMAZ**

Representante do Grupo Suzano-Feffer
Av. Amazonas, 135 - 15.º andar sala 1514 - Belo Horizonte - MG

N.º 457 - A - **CELSO GUALTIERI**

Sopel - Distribuidora de Papéis Ltda. - Comércio Atacadista de Papéis, Cartões e Envelopes
Rua Rio Negro, 522 - Bairro Barroca - Belo Horizonte - MG

N.º 458 - A - **PAULO ROBERTO CARVALHO**

M.A.I. - Editora S/A
Rua Itaberá, 810 - Belo Horizonte - MG

relação completa das fabricas de papel e celulose no brasil

NOTA

Visando facilitar os contatos entre consumidores e fabricantes, vamos passar a apresentar regularmente a nossos leitores uma relação completa das fábricas de papel e celulose no país.

Os dados estão perfeitamente atualizados e foram obtidos através do Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulc.

ESTADO DE ALAGOAS

CODEPAL - CIA. DE PAPEL DE ALAGOAS
Sede/Fábrica - Rua Barão de Jaraguá, 487
57000 - Maceió - AL

ESTADO DA BAHIA

BACRAFT S/A INDÚSTRIA DE PAPEL
Escritório - Rua dos Algibebees, 6 - s/ 506
Tel.: 2-3525 e 2-2132
40000 - Salvador - BA
Fábrica - BR 84, Km. 6
44200 - Santo Amaro da Purificação - BA
FÁBRICA DE PAPEL DA BAHIA S/A
Escritório/Fábrica - Rua Marques de Monte Santo, 50 - Tel.: 5-7257 - Caixa Postal 472
CGCMF 15.120.066/001 - Insc. Est. 05.002.275-0
40000 - Salvador - BA
INDÚSTRIAS DE PAPÉIS TORORÓ S/A
Escritório/Fábrica - Av. Estados Unidos, 340
Tel.: 2-1751
40000 - Salvador - BA
INDÚSTRIA DE PAPEL SANTO AMARO S/A
Fábrica - Fazenda Pitinga, s/n.º - Tel.: 186
CGCMF 15.891.435/001 - Insc. Est. 05.090.215-6
44200 - Santo Amaro - BA
Escritório - Av. Estados Unidos, 340
Tel.: 2-2363 e 2-0543
CGCMF 15.891.435/002 - Insc. Est. 00.901.71
40000 - Salvador - BA

ESTADO DE ESPIRITO SANTO

IND. DE PAPEL ESPÍRITO SANTO S/A IPESSA
Escritório/Fábrica - Rodovia Carlos Lindenberg, 1395 - Tel.: 3-2449 e 2-5480 - C. Postal 492
CGCMF 28.055.622/001 - Insc. Est. 951.003.965
29105 - Vila Velha - ES
ARACRUZ CELULOSE S/A
Sede - Av. Augusto Severo, 8 - 5.º andar
Tel.: 224-0699
20000 - Rio de Janeiro - GB
Fábrica - Espírito Santo

ESTADO DO CEARÁ

CARNAFIBRA S/A CELULOSE DE CARNAÚBA
Escritório/Fábrica - Rua Pio Saraiva, s/n.º
Tel.: 23-3688 e 23-3677 - Caixa Postal 554
60000 - Fortaleza - Ceará
CIA. SULCEARENSE DE PAPÉIS - SULCEPA
Escritório/Fábrica - Crato
63100 - Mirití - Ceará
INDÚSTRIAS DE PAPÉIS DO NORTE LTDA.
Escritório/Fábrica - Av. Bezerra de Menezes, 1316
60000 - Fortaleza - Ceará
FORPAPEL - FORTALEZA INDUSTRIAL DE PAPEL S/A
Av. Francisco Sá, 2501
60000 - Fortaleza - Ceará

ESTADO DA GUANABARA

COMP. IND. DE PAPÉIS E CARTONAGEM
Sede - Rua São Luiz Gonzaga, 285
Tel.: 264-5442 - Caixa Postal 1534
CGCMF 33.042.383/001 - Insc. Est. 109.058.02
20000 - Rio de Janeiro - GB
Escritório - Rua James Holland, 380
Tel.: 52-6099 - Caixa Postal 51
CGCMF 33.042.383/002 - Insc. Est. 105.738.658
01000 - São Paulo - SP
Fábrica - Av. Dr. Jayme E. Siciliano, 1
Tel.: 21 e 27 - Caixa Postal 7
26700 - Mendes - RJ
Fábrica - Estrada das Furnas, 2253
Tel.: 238-0283
CGCMF 33.042.383/003 - Insc. Est. 109.058.01
20000 - Rio de Janeiro - GB
CIA NACIONAL DE PAPEL
Escritório/Fábrica - Rua Souza Barros, 450
20000 - Rio de Janeiro - GB
FÁB. DE PAPEL E PAPELÃO S. GERALDO S/A
Escritório/Fábrica - Av. Itaóca, 2427
Tel.: 260-4900

DUPLEX

DUPLEX COATING

BRISTOL

Comp. de Papeis e Papelão

“YAZBEK”

Alameda Campinas, 1630 — Tel.: 287-1583

CGCMF 33.007.089 - Insc. Est. 105.306.00
20000 - Rio de Janeiro - GB
FÁBRICA DE PAPEL TIJUCA S/A
Escritório - Rua Santana, 190 - Tel.: 258-0838
20000 - Rio de Janeiro - GB
Fábrica - Estrada dos Três Rios, 998
Tel.: 392-1276
CGCMF 33.018.656/002 - Insc. Est. 106.936.02
20000 - Rio de Janeiro - GB
GRETISA S/A FÁBRICA DE PAPEL
Escritório/Fábrica - Av. Automóvel Club, 909
Tel.: 281-7222, 281-1369 e 281-6629
Caixa Postal 2732
CGCMF 33.482.191 - Insc. Est. 114.011.00
20000 - Rio de Janeiro - GB
Escritório - Rua Luiz Gama, 803

Tel.: 278-8166, 278-8615 e 278-5386
01519 - São Paulo - SP
INDÚSTRIA DE PAPEL E PAPELÃO REX LTDA.
20000 - Rio de Janeiro - GB
INDÚSTRIA DE PAPEL TANNURI S/A
Escritório/Fábrica - Av. Itaóca, 2151
Tel.: 230-0160 e 230-1351
CGCMF 33.001.405/001 - Insc. Est. 128.400.00
20000 - Rio de Janeiro - GB

ESTADO DE GOIÁS

INDUPREL LTDA.
Escritório/Fábrica - Av. dos Rodoviários, 1577
74000 - Goiânia - Goiás
INDÚSTRIA GOIANA DE PAPEL S/A
Escritório/Fábrica - Av. Anhanguera, 10.160
74000 - Goiânia - Goiás

ESTADO DO MARANHÃO

CEPALMA - CELULOSE E PAPÉIS DO MARANHÃO S/A
CGCMF 06.110.761/001 - Insc. Est. 196.036.541
Fábrica - Coelho Neto - Maranhão
Escritório - Av. Nilo Peçanha, 50 gr. 1409
Tel.: 221-4138 e 221-3384
CGCMF 06.110.761 - Insc. Est. 25.772.200
20000 - Rio de Janeiro - GB
Escritório - Rua Augusta, 2799 - Galeria loja 3
Tel.: 282-4871
São Paulo - SP

ESTADO DE MINAS GERAIS

COMPANHIA MINEIRA DE PAPÉIS
Sede/Fábrica - Via Fernando Peixoto, s/n.º
Tel.: 2616, 2617 e 2634 - Caixa Postal 27
CGC 19.525.328/001 - Insc. Est. 153.31182.004
36770 - Cataguazes - MG
Escritório - Rua da Assembléia, 93 - s/ 1601
Tel.: 232-2842
20000 - Rio de Janeiro - GB
Escritório - Rua Løefgreen, 1257
01000 - São Paulo - SP
FÁBRICA DE PAPELÃO CATAGUAZES S/A
Escritório/Fábrica - R. Dr. Francisco Barros, 213
Tel.: 2520 - Caixa Postal 47
CGCMF 19.525.765/001 - Ins. Est. 153.31119.006
36770 - Cataguazes - MG

(Continua)

Industrias BONET S/A.

DUPLEX BRANCO

ESCRITÓRIO CENTRAL: — Rua 7 de Setembro 4.615 — Fone: 23-7656 — Curitiba PR

INDÚSTRIAS DO GRUPO

PAPELÃO SANTA CECÍLIA S/A — PAPELÃO SÃO PEDRO

REPRESENTANTES EM SÃO PAULO:

REPRESENTAÇÕES MELLAGI S/C.

Rua Conselheiro Crispiniano, 344 - 8.º and. - conj. 808 - Fones: 36-1266 - 35-8677 - 35-5492

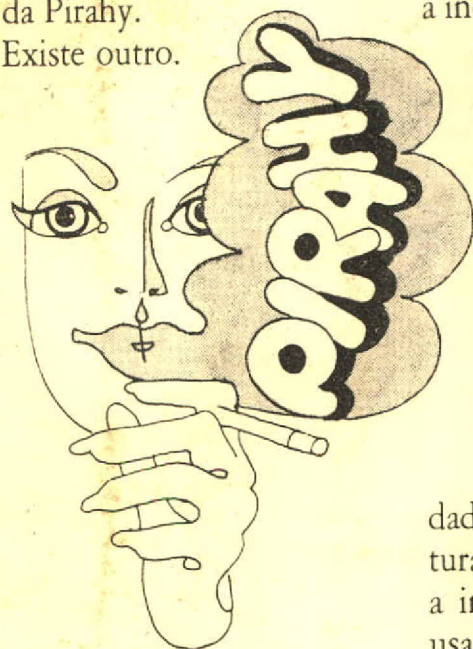
A Pirahy revela neste anúncio quais são seus reais interesses em cigarros, automóveis e finanças.

A Pirahy é uma indústria de papel. Que nunca quis ser outra coisa na vida além de uma indústria de papel.

Ela fabrica alguns papéis muito famosos: Westerprint, Westerpost, Westermaster, Westerkote.

São papéis de imprimir, de escrever, de copiar, de desenhar, todos muito conhecidos.

Mas esse é só um lado da Pirahy. Existe outro.



Pouca gente tem notícia que ela participa de diversos setores da indústria nacional, da melhor maneira que ela sabe: fazendo



papéis industriais.

Papéis que não têm nome próprio, nem reconhecimento popular - mas que a indústria brasileira conhece muito bem.

Esses papéis são de vários tipos. Eles podem ser feitos com extremo grau de pureza, para a indústria de fumo enrolar seus melhores cigarros.

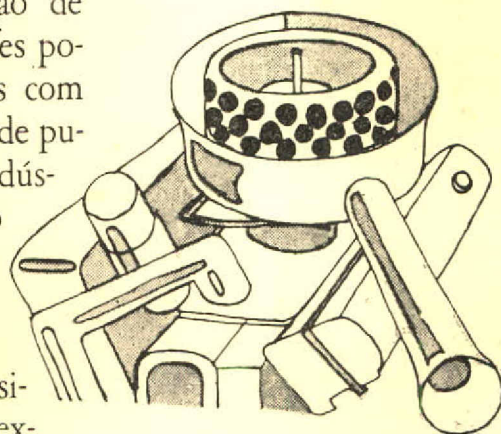
Podem ter porosidade controlada e textura muito resistente, para a indústria automobilística usar como elemento filtrante na montagem dos filtros de óleo.

Podem receber marca

d'água especial, para o mercado financeiro usar em impressos de valores como cheques, ações, cautelas.

De qualquer forma, o fato é que a Pirahy está contribuindo de uma maneira muito positiva para o crescimento industrial deste país.

E isto significa que ela, sendo basicamente uma indústria de papel, na ver-



dade está fabricando um pouco mais do que papel apenas.

Está fabricando progresso.



Companhia Industrial de Papel Pirahy

Sempre uma excelente impressão

RIO DE JANEIRO - Rua São Salvador, 49 - Tél.: 265-7312 Caixa Postal 16075 - ZC 01 - Telex: 031-468
SÃO PAULO - Rua Dr. João Maia, 166 - Aclimação Tél.: 71-7248 - Caixa Postal 8859 - Telex: 021-623



INDÚSTRIAS DE PAPEL SIMÃO S.A.

Rua do Manifesto, 931 - Caixa Postal 172 - CEP 04209 - São Paulo - Brasil
Av. Nilo Peçanha, 50 - 25º andar - Conj. 2506 - Rio de Janeiro - CB - Brasil

UMA LINHA COMPLETA DE PRODUTOS

A linha de produção da Simão está em condições de satisfazer a quase todas as necessidades dos consumidores de papel e cartão. Além dos produtos tradicionais, que são fabricados regularmente nas três unidades fabris da companhia, outros tipos vêm sendo continuamente desenvolvidos, para atender a novas solicitações do mercado brasileiro e internacional.